

# UM REFORMADOR BRASILEIRO NO BRASIL IMPERIAL

Raimundo Nonato Vieira<sup>1</sup>

## RESUMO

O Brasil passou algumas tentativas de tornar o evangelho, segundo o protestantismo, uma realidade nas novas terras portuguesas, mas o protestantismo era visto como um inimigo terrível a ser destruído, especialmente em países católicos como era o caso de Portugal, Espanha e suas terras conquistadas. Tivemos um grupo de huguenotes franceses, iniciando pregações protestantes na Bahia de Guanabara no século XVI e posteriormente os Holandeses e sua fé protestante na Província de Pernambuco. Ambos foram expulsos e pouco restou de suas influências religiosas. Mas, as influências liberais na política do Estado e uma Igreja católica inflada por correntes filosóficas e teológicas mais alinhadas às novas ideias que surgiam na França, Inglaterra e as primeiras experiências de Independências nacionais, criam ambientes favoráveis no Brasil para novos levantes e oportunidades de dentro da própria Igreja Católica aquele que seria o abridor de portas para a pregação do Evangelho pelos protestantes no Brasil afora – José Manoel da Conceição, o primeiro pastor brasileiro, um reformador brasileiro.

**PALAVRAS-CHAVES:** Império, Igreja, Reforma, Liberalismo

## ABSTRACT

Brazil experienced some attempts to make the gospel, according to protestantism, a reality in the new Portuguese lands, but actually, it was considered a terrible enemy to be destroyed, especially in Catholic countries, as was the case of Portugal, Spain, and their conquered lands. In the sixteenth century, there was a group of French huguenots starting to preach protestantism at Guanabara Bay and later, the Dutch were preaching their protestant faith in the province of Pernambuco. Both were kicked out and little remained of their religious influences. Nevertheless, liberal influences on State politics and a Catholic Church filled with philosophical and theological currents more aligned with the ideas that emerged in France and England in the early experience of national independence, created a favorable environment in Brazil for new uprisings and opportunities inside the Catholic Church, that would be a door opener for the gospel preached by protestants throughout the country – José Manoel da Conceição, the first Brazilian pastor, as well as a Brazilian reformer.

**KEYWORDS:** Empire, Church, Protestant Reformation, Liberalism.

---

<sup>1</sup> Graduado em Teologia pela Faculdade de Teologia Fateh; Licenciado em História pela FUNESO; Especialista em Docência em Filosofia e Sociologia pela Faculdade Salesiano; Mestrado em Missões Urbana (Livre) pela Sulamericana; Mestrando em Ciências da Religião pela UNICAP. Pastor da Igreja Evangélica Livre em Olinda-PE; Endereço eletrônico: nonatovieira@hotmail.com

## **INTRODUÇÃO**

Em um ano quando o tema reforma é recorrente em vários círculos da sociedade, especialmente da religião, da história e da sociologia, é pertinente debruçar-se sobre um momento de inquietação social e religiosa nos idos final do Brasil Império.

Será que o ideal desejado pelo padre e regente Antônio Feijó encontra guarida no inquieto padre José Manuel da Conceição? Estão presentes elementos históricos e sociais na trajetória deste padre que se tornou o primeiro pastor brasileiro e ajudou a espalhar a fé evangélica pelo interior de São Paulo e do Brasil que justifique mais estudos a seu respeito?

Tem-se elemento social que cria as condições para o novo que surgiu com esta personalidade histórica? O que podemos encontrar de característico de uma reforma religiosa nos dias de José Manuel da Conceição, seus antecedentes históricos e a própria figura emblemática do eis padre?

### **1. O BRASIL ESTÁ MUDANDO - DE BRASIL COLÔNIA PARA O BRASIL IMPÉRIO**

O Brasil império, é um período que se inicia em 1822 com o retorno da Coroa portuguesa para seu país natal. Ficando aqui, Pedro I, filho de Dom João VI, que por sua vez, em meio a muita pressão de interesses políticos e econômicos declara o Brasil independente de Portugal. Entretanto, esta independência não será concretizada plenamente, pois a elite política e econômica de Portugal ainda continuaria com fortes interferências no Brasil (FREURY, 1967, p. 42). Esses serão motivos de grandes revoluções no território nacional.

Como é evidente, o Brasil não era uma ilha social em relação ao resto do mundo, mas recebia influências dos ideais filosóficos, políticos, religiosos e econômicos europeus. Segundo Francisco Iglesias (1993), o regime político chamado imperialismo no Brasil, tem sua construção nos fins do século XVIII com o forte advento do liberalismo e do nacionalismo. Segundo este historiador, "O

liberalismo e o nacionalismo são vistos como as duas notas típicas do oitocentos" (p. 89).

O liberalismo e o nacionalismo são duas correntes de pensamento que terão fortes repercussões para independência do Brasil (OLANDA, 2003, p. 153). Não é novidade na historiografia brasileira o fato de filhos das famílias abastardas brasileiras saírem do Brasil para estudar na França e em outros países da Europa, e ao retornar traziam na sua bagagem as fortes influências do liberalismo, que apregoava a liberdade nacional, mas também a liberdade religiosa.

Um biógrafo de José Manoel da Conceição, na tarefa de localizá-lo historicamente, fala das ideias que influenciaram o ambiente onde este crescera que corrobora com aquilo que se está expressando:

O padrinho de José Manoel era adepto de algumas ideias em voga na época, de aspectos iluministas, como as defesas das liberdades individuais, pois seu nome se encontra junto aos de Vergueiro, o Senador, e do padre Feijó assinando um documento da Revolta Liberal que ocorreu no ano de 1842. O século dezoito, conhecido como o Século das Luzes, desenvolveu e divulgou entre os povos ocidentais o pensamento de que o ser humano deveria ter liberdade para agir racionalmente e, como consequência disso, o progresso humano e social iria ser alcançado (SOUZA, 2011, p. 15).

Essas ideias despertaram no Brasil grandes manifestações através da literatura, muitos jornais surgiram nesse período, jornais estrangeiros eram recebidos no Brasil, grupos sociais se organizam, partidos políticos surgem com maior frequência, mas muitas revoltas armadas são despertadas.

Aristides A. Milton, historiando a chamada batalha de Canudos, faz um resumo histórico daqueles dias, a fim de situar Canudos em um imbricado de revoltas que marcaram o período imperial e que adentra a república. Fazendo isso, ele demonstra como aqueles anos do Império foram marcados por sublevações sociais:

A mesma tendência revolucionária que, desde 1822 até 1848, trouxera pendente da sorte das armas o futuro do Império, e, predominando ora aqui, ora acolá, celebrizara esse quarto de século por uma agitação constante, e lutas fratricidas de pungitiva lembrança, havia ressurgido na plenitude de sua funesta energia para perturbar o regime, que em 1889 tinha sido inaugurado (MILTON, 2003, p. 11).

A partir de uma leitura de Peter Berger (1985), pode se dizer que as insatisfações sociais, os ideais do liberalismo, bem como do nacionalismo, fazem parte da dialética das realidades sociais, que se movimenta em um processo de

exteriorização, objetivação e interiorização, estes são processos dialéticos fundamentais, que se dão em momentos distintos da formação da sociedade (p. 34). Mais adiante será explicado com mais detalhes a aplicação desta teoria na orientação deste artigo.

Não é demais dizer que, no Brasil, Igreja e Estado estavam juntos como forças sociais que operavam nos mesmos ditames de mobilização e persuasão. Estavam imbricados um no outro, mesmo com as queixas um para o outro, mas o que a sociedade via eram duas forças que tem sua origem na colonização. Com isto, quando uma onda liberal e nacionalista domina as conversas da intelectualidade, atingindo outros níveis da sociedade – está claro que ser independente inclui o Estado e a Igreja.

Quanto a Igreja, o sentimento é misto, não se quer trocar de igreja, mesmo que isso faz parte da discursão com a abertura para que imigrantes ingleses e alemães tenham sua liberdade de culto, mas há sentimentos de uma necessidade de reforma na igreja, conforme projetava o Padre Regente Antônio Diogo Feijó, é o que considera Otávio Tarquino de Sousa (1988, p. 95).

## **2. A RELIGIÃO DO IMPÉRIO E O CENÁRIO RELIGIOSO NOS ANOS 60 A 70**

Desde o início do achado<sup>2</sup> do Brasil pelos navegadores portugueses, este território era de uma única religião – o catolicismo, até mesmo porque no momento em que essas terras foram achadas pelos portugueses, a religião do mundo europeu era o catolicismo, mesmo que sincrético em muitas regiões, dependendo da cultura básica que influenciou na sua formação inicial.

Haverá dois momentos de tentativas de grupos protestantes se instalarem no Brasil naquele período chamado de Colonial: Em 1555, a expedição, comandada por Villegagnon se instalou na Guanabara, e tinha a missão de criar a França Antártica (MARIZ & PROENÇAL, 2015, p. 29). Esses franceses seriam huguenotes; Em 1630-1654, os holandeses invadiram Pernambuco e como parte

---

<sup>2</sup> A historiografia recente questiona a palavra “descobrimto do Brasil”, mas prefere o termo achado, pois o Brasil, como terra habitada já existia. MARIZ, Vasco & PROENÇAL, Lucien. **Os franceses na Guanabara: Villegagnon e a França Antártica (1555-1567)**. 3 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015. P. 29.

dos objetivos era que a fé reformada fosse pregada a todos os moradores das cidades da Província (SCHALKWIJK, 1989, p.61).

Depois dessas duas tentativas da fé protestante se estabelecer no Brasil, só teremos presença protestante no Brasil com os observadores e distribuidores de Bíblias estrangeiros e com as imigrações de Ingleses e alemães e a consequente Constituição de 1824 que, concede liberdade de culto para outros grupos religiosos.

Com a propaganda de doações de terras no território brasileiro para incentivar a imigração para o Brasil, torna-se imperiosa a flexibilização de leis, e a abertura para outros credos e práticas religiosas além do catolicismo. Este é um fator que contribuiu para a implantação do protestantismo no Brasil.

Mas além desses fatores que criaram condições favoráveis a um ambiente religioso, simpático para novas crenças, ou mesmo novos poderes eclesiásticos, conta-se com as lutas internas da Igreja Católica, bem como do centralismo de Pedro I. Um exemplo é o quanto os ideais de liberdade estavam contaminando os clérigos no Brasil. Segundo HAUCK,

A autonomia do poder civil em assuntos religiosos e a independência dos bispos com relação ao papa, com o qual se consideravam em pé de igualdade na qualidade de sucessores diretos dos apóstolos, eram defendidas com naturalidade por bispos brasileiros anteriores ao movimento de romanização. Livros condenados por Roma se admitia como texto de ensino nos seminários. [...] Pedro I achava mais fácil o Brasil separar-se de Roma do que o imperador deixar de exercer sua autoridade soberana em assuntos religiosos. A ideia era compartilhada também pela maioria do clero, que parece nem ter percebido o alcance do plano reformista de Feijó, mesmo que a consequência fosse o estabelecimento de uma igreja nacional (2008, p. 77,78).

Tudo indicava, naquela primeira metade do século XIX que a Igreja se tornaria um tipo de Anglicana no Brasil, ou seja, uma Igreja Nacional. Lembrando o que fora mencionado anteriormente, que o Brasil vivia sob a influência dos ideais nacionalistas e liberais.

Mas, segundo o historiador LEONARD, também trazia dificuldade para a cristandade católica no Brasil o quadro muito reduzido do clero:

A grande insuficiência numérica do clero secular é ainda hoje, o que um título de um livro do Pe. Paschoal Lacroix chama o mais urgente problema do Brasil. Com mais forte razão assim era numa época em que a hierarquia estava reduzida a um arcebispado e oito bispados. Esta insuficiência do clero foi sublinhada e lamentada num relatório apresentado à Legislatura Imperial de 1843 pelo Ministro da Justiça e

Negócios Eclesiásticos, depois de um inquérito publicado a 9 de setembro de 1842 (1981, p. 29).

Faz parte dos Estados mencionados pelo Pe. Paschoal Lacroix, na obra citado pelo autor supra citado, como não tendo padres permanentes ou dezenas de igrejas que ficam décadas sem sacerdote, pois a Igreja não dispõe de padres suficientes, Estados como: Maranhão, Pará, no Alto Amazonas e muitas outras regiões. Mas ele também diz que a razão é econômica, pois segundo o Pe. Paschoal Lacroix, ainda citado por Leonard, esses padres não recebem o suficiente (*bd*).

O fato é que, a igreja longe dos fiéis, uma igreja mista – a igreja da vida e a igreja da teologia (HAUCK, p. 17), uma igreja dividida, entre liberais e conservadores, uns fiéis a Roma e outros fiéis ao Império e ainda uma forte presença do jansenismo entre os clérigos brasileiros (MATHIAS, 2008, p. 62), favorecia o surgimento de novos grupos que conferia algum significado à vida daqueles religiosos.

### **3. JOSÉ MANUEL DA CONCEIÇÃO, UM REFORMADOR BRASILEIRO**

José Manoel da Conceição foi um desses homens que viveu no Brasil, nos instantes de muitas mudanças e efervescências sociais, políticas e religiosas, mas que decidiu participar ativamente da construção desse mundo social em transito. Ao invés de ficar assistindo tudo (é bom dizer que não foi o perfil de muitos padres brasileiros do século XIX), resolveu escrever também os seus dias como um sacerdote, politizado, culto e aberto ao novo.

Descrevendo a vida de Conceição, desde a sua infância, um de seus biógrafos assim delineia sua origem familiar e as circunstâncias sócio-políticas daqueles dias:

Alguns meses antes da independência do Brasil, nasceu na cidade de São Paulo um menino, filho de Cândida Flora de Oliveira Mascarenhas e do pedreiro português Manoel da Costa Santos, profissional especializado em talhar pedras para construção, chamado de canteiro (SOUZA, 2011, p. 13).

Conceição nasceu em uma família pobre, seus pais não eram influentes na sociedade, mas ele era cercado de familiares próximos que estavam envolvidos no

sacerdócio católico, o que o levará também a seu envolvimento com o sacerdócio e lhe conferirá oportunidades de crescimento em vários saberes. É sob a pena do historiador Francês Leonard que fica se sabendo que o verdadeiro nome de Conceição é José Manoel da Costa Santos, mas este teria adotado o Conceição.

Tendo iniciado aos 18 anos de idade a leitura da Bíblia, não muito tempo depois desenvolveu relacionamentos de amizade com algumas famílias inglesas e alemãs, diga-se, todas protestantes, o que lhe oportunizará a leitura de livros reformados e ouvir da doutrina calvinista e os ideais da Reforma do século XVI na Europa (CÉSAR, 2000, p. 106). MENDONÇA fala de uma amizade em especial que teria exercido profunda influência sobre o jovem padre:

A amizade que Conceição fez com o médico dinamarquês João Henrique Theodoro Langaard, que clinicava entre os trabalhadores de Ipanema, parece ter completado a sua protestantização, não tanto por seu exemplo de vida religiosa, mas pelas aulas de alemão. O conhecimento do alemão e o acesso aos livros de Langaard podem ter aberto a Conceição os conhecimentos históricos e críticos que mais tarde poriam em xeque a sua fé católica. Conceição nessa época era subdiácono (MENDONÇA, 2008, p. 127).

Além do contato com a literatura reformada, os relacionamentos de Conceição com esses estrangeiros, lhe impactavam no que tange a vida simples e de uma vida de exercícios de piedade diários. Conceição, segundo LÉONARD, fora ordenado ao santo ofício em 1845, "após brilhantes estudos realizados em Sorocaba, onde seu tio avô era cura, no seminário diocesano" (1981, p. 56).

É significativo que o jovem Conceição vá estudar na cidade de Sorocaba, palco, em 1842 da Revolta Liberal, liderada por Rafael Tobias, Padre Feijó, Senador Vergueiro e outros. Pois ele, juntamente com seu tio, o padre Mendonça, assinaram a Ata de Rebelião naquela ocasião (RIBEIRO, 1979, p. 8).

Além de sua bravura contra as injustiças e o fervor por transformações da base da sociedade, que o assemelha a alguns reformadores do século XVI, também é justo dizer que o clérigo católico se assemelha em muitos aspectos ao reformador alemão, Martinho Lutero, pois ele descreve suas crises ao deparar-se com textos bíblicos que o colocava em crise sobre sua fidelidade à Igreja Romana e a fidelidade à sua consciência.

Em 1863 a notícia sobre o padre "protestante" chega ao conhecimento de um missionário americano, que trabalhava para estabelecimento da Igreja

Presbiteriana no Brasil, ao lado do também missionário Ashbel Green Saimonton – Alexander Blackford, que foi ao seu encontro em um sítio próximo a Rio Claro, São Paulo (CÉSAR, 2009, p. 168). Naquela ocasião, ele ouviu atentamente sobre as doutrinas da graça e está convencido de que esse é o caminho que deseja trilhar na vivência e na pregação, incansavelmente, do evangelho de Cristo.

Depois de exercer o sacerdócio católico por 20 anos, ele rompe com a igreja pedindo oficialmente seu desligamento ao arcebispo de São Paulo.

O Pe. José Manuel da Conceição, que exercera o sacerdócio em várias paróquias da Província de São Paulo, abandonou oficialmente as ordens em 28 de setembro de 1864. Suas dúvidas a respeito da Igreja Católica começaram quando aos dezessete anos de idade caíram-lhe nas mãos um exemplar da Bíblia, e começou a lê-la. Um pouco mais tarde passou a conviver com os europeus, ingleses, alemães e dinamarqueses que trabalhavam na fundição de ferro de Ipanema, perto de Sorocaba, cujo modo de viver, com suas devoções e respeito pelo domingo, impressionou-o, especialmente por serem eles protestantes (MEDONÇA, 2008, p. 127).

Depois de seu desligamento da Igreja Católica Romana, Conceição é batizado e posteriormente ordenado ao pastorado na Igreja Presbiteriana do Rio de Janeiro, tornando-se o primeiro pastor brasileiro.

Com a descoberta de uma nova fé, Conceição segue fazendo o que já fazia, pastorear pessoas, pregar, especialmente para aquelas do interior de São Paulo, Rio e Minas. Será aquele que abrirá as portas do interior do Brasil para a pregação protestante.

Quando sacerdote católico era chamado de "padre louco", agora como sacerdote protestante será chamado de "pastor louco". Mas isso não impediu de se condicionar pelo mais fraco e querer que este mais fraco ouvisse do evangelho.

#### **4. A MENSAGEM DE REFORMA DO PADRE JOSÉ MANUEL DA CONCEIÇÃO**

O que se pode dizer sobre as condições socioculturais criadas ou existentes para que uma mensagem de reforma tivesse lugar no Brasil Império?

Será importante o conceito de Berger sobre o mundo social e seus desdobramentos, pois Berger diz que,

Viver num mundo social é viver uma vida ordenada e significativa. A sociedade é a guardiã da ordem e do sentido não só objetivamente, nas



suas estruturas institucionais, mas também subjetivamente, na sua estruturação na consciência individual (BERGER, 1985, p. 34).

Berger analisa esse conceito para a religião como algo que faz parte da estrutura que confere significado ao mundo social da mesma. No entendimento de Peter Berger (1985, p. 38), a religião confere uma estrutura de plausibilidade explicando e justificando o mundo conhecido.

Para Berger (1985), essa plausibilidade não é alguma coisa solta, teoricamente, mas está dentro de uma dialética da sociedade que consiste de três momentos ou passos: exteriorização, objetivação e interiorização. Ele detalha esses passos,

A exteriorização é a contínua efusão do ser humano sobre o mundo, quer na atividade física, quer na atividade mental dos seres humanos. Objetivação é a conquista por parte dos produtos dessa atividade (física e mental) de uma realidade que se defronta com os seus produtores originais com facticidade exterior e distinta deles. A interiorização é a reapropriação dessa mesma realidade por parte dos homens, transformando-a novamente de estruturas do mundo objetivo em estruturas da consciência subjetiva. É através da exteriorização que a sociedade é um produto humano. É através da objetivação que a sociedade se torna uma realidade *sui generis*. É através da interiorização que o homem é um produto da sociedade (BERGER, 1985, p.16).

Como se aplica uma teoria da Construção da Realidade? Para ele essa dialética é percebida como a exteriorização sendo um estado de anomia, onde a tradição ganha conotação de Lei; que interagem constantemente com a objetivação. Nas palavras de Berger e Luckmann, “o homem (evidentemente não o homem isolado, mas em coletividade) e seu mundo social atuam reciprocamente um sobre o outro” (2014, p. 85); na interiorização, ao invés do homem conferir significado, este recebe significado, o que propicia a anomia, uma crise que necessita de aparatos sociais que legitimem, dê plausibilidade à nova condição de nomia (Ibid., p. 75-149).

O nomos trabalha com a necessidade da legitimação, mas o que é a legitimação para Berger e Luckmann? E qual sua função nessa construção da realidade social?

A legitimação enquanto processo é mais bem definida dizendo-se que se trata de uma objetivação de sentido de “segunda ordem”. A legitimação produz novos significados, que servem para integrar os significados já ligados a processos institucionais dispares. A função da legitimação consiste em tornar objetivamente acessível e subjetivamente plausível as objetivações de “primeira ordem” que foram institucionalizadas (Ibid., p. 122).

Porém, essa institucionalização é frágil e necessita constantemente de plausibilidade, mas como essa não é uma realidade acomodada e estável, se terá um processo dialético constante. Berger justifica sua teoria a partir da constatação da fragilidade social dos mundos socialmente construídos.

Segundo Berger (1985, p. 42), “todos os mundos socialmente construídos são intrinsicamente precários. Amparados pela atividade humana, são eles constantemente ameaçados pelos fatos humanos do egoísmo e da estultice”. Para ele (1985, p. 58). “os mundos são construídos socialmente e mantidos socialmente”.

Aplicando a construção da sociedade ao campo da religião ele diz que “o que se afirma, é que a mesma atividade humana’ que produz a sociedade também produz a religião, sendo que a relação entre os dois produtos é sempre dialética” (BERGER, 1985, p. 61).

Percebe-se que a teoria de Berger pode ser uma chave hermenêutica para analisar a origem do protestantismo brasileiro, como resultado de reformas e reformadores em atuação sociais, a partir das condições geradas e geradoras. Isto se dará como resultado de anomias institucionais que estabelece novas realidades nomizantes.

Tendo uma compreensão das condições sociais que possibilitaram os discursos de Reforma, desde Pombal, Feijó e culminando em José da conceição, podemos passar a ver qual era sua mensagem de Reforma. Neste ponto será utilizado, principalmente a sua defesa em resposta à sua excomunhão.

José Manoel da Conceição diz:

Um passo tão importante e solene não deveria ser nem foi tomado precipitadamente. Havia anos que a leitura da Bíblia, da História da Reforma, e de outros livros religiosos e literários, tinham-me sugerido ideias que não se harmonizavam com os dogmas que professava. Vieram-

me convicções irreconciliáveis com as obrigações e práticas que me cabiam como pároco (CONCEIÇÃO, 1867, p. 7).

Para Conceição, de uma vez leitor da Bíblia e de literaturas mais abrangentes, ele entrou em uma grande luta interior. Ele diz que “a luta da alma era longa, renhida e penosa”, também que comparava sua vida ao evangelho e não encontrava paz na sua alma (*Ibd.* p. 8).

Saindo do motivo existencial porque de sua decisão de deixar a Igreja Romana, ele elenca na sua mensagem outros temas que a Igreja precisava se abrir para uma reforma. Primeiro ele fala da Confissão. Segundo ele, na sua angustia da alma, lembrava-se da Confissão, mas se questionava de onde viria o perdão, se do santo padre, se da penitência, ou de sua própria contrição (*Ibd.* p. 8).

Em segundo lugar, Conceição elenca a idolatria como motivo de sua irreconciliável convivência como padre da Igreja Romana. Ele cita textos bíblicos do Antigo Testamento para fundamentar sua inquietação sobre tal assunto.

Mas outros temas são, por ele, considerados dignos de abandonos pela Igreja: os meios de Graça, as indulgências, promessas, o celibato para os clérigos, veneração dos Santos, as relíquias, a doutrina do purgatório, entre outros temas.

Conceição, em sua defesa, se antecipa dizendo:

Perguntar-se-á, talvez: Porque não trabalhou pela reforma, sem deixar a Igreja Romana? A isto respondo: Quando um edifício em desmoronamento ameaça completa ruína, é impossível continuar a residir nele, mas sai-se dele, ao menos até que seja reconstruído sobre bases firmes, sob pena de ficar com ele sepultado (*Ibd.* 1867, 27).

Percebe-se que José Antônio da Conceição, não estava indo para o protestantismo, porque tinha paixão pela estrutura protestante, mas porque acreditava que aquele, podia constituir-se na oportunidade de pregar o evangelho livremente. No final da citação a cima fica claro, por meio da metáfora do prédio, que se houvesse saúde nessa Igreja ele poderia retornar.

Ele diz também, na sua defesa, que desejou muito que a Igreja Romana fosse assistida por Deus, no sentido de mudanças. Ele diz: “Esperava, porém, com uma convicção inabalável, que Deus havia de olhar para sua igreja e havia de assisti-la com o seu Santo Espírito” (*Ibid.*, p. 9).

Alguns desses posicionamentos de Conceição, também já vinham sendo motivos de inquietações e questionamentos por outros padres, como é caso do padre Feijó.

Na seção de 3 de setembro de 1827 um deputado chega com essa proposta: “indico que nosso clero seja casado e que os frades e as freiras acabem entre nós”. Feijó logo se mostrou favorável ao colega deputado (Ferreira França da Bahia) e em 10 de outubro deferiu um longo voto separado a favor. Essa postura de Feijó mereceu uma resposta de Luiz Gonçalves dos santos:

Tal o assumpto desta Carta, reservando para outra a questão, se os Frades, e Freiras devem acabar entre nós, como pretende o Senhor Deputado Indicador. Eu me conservaria calado sobre estes dois objectos; porque confio muito, e muito, que semelhante Indicação não merecerá a atenção dos nossos Augustos Legisladores; porém como certos sujeitos nos tem dado a ler na Astréa correspondências anti-religiosas , e subversivas da Disciplina da Igreja Catholica, e mostrado excessivo prazer de que triumphem os inimigos da Religião, adoptando-se no Clero do Brazil as decantadas, e ímpias reformas dos Lutheranos, Calvinistas, e Anglicanos, para instrucção de huns, que ignorando estas matérias cantão Améns, sem saber a que, nem porque; e comedimento de outros, que mais por espirito de novidade, do que por malicia, andam desorientados, e levados de qualquer vento de doutrina , resolvi-me a escrever-vos estas regras com simplicidade, e verdade para que entre nós não haja algum fornicário, e profano como Esaú, o qual por huma vianda vendeo a sua primogenitura (SANTOS, 1827, p. 5,6).

Essas coisas tiveram uma repercussão na formação de Conceição, e exerce um papel importante no desejo deste ver uma reforma na Igreja Romana.

Conceição finaliza sua defesa da excomunhão, dizendo: “Lembro-me de ter lido nas obras do Cardeal Wiseman: ‘a religião não tem outro inimigo a combater senão a ignorância’. Esta é a missão do Evangelho e da Igreja Evangélica” (CONCEIÇÃO, 1867, p. 32).

As palavras de Leonard resumem bem o que foi a Reforma sonhada por Feijó e a Reforma de Conceição e seus *modus operandis* à semelhança da Reforma do século XVI na Europa:

O homem que abriria ao protestantismo o interior do Brasil – conquistando não apenas indivíduos isolados mas famílias extensas e sólidas – assegurando assim, seu estabelecimento, foi um padre. Esta particularidade – que nos reconduz à época da Reforma e às facilidades que ela encontrou no ministério sacerdotal de um Zwínglio e muitos outros – corresponde também àquilo que fora o sonho de Feijó: a reforma da igreja brasileira por um padre brasileiro (LÉONARD, 1981, p. 56).

São tempos diferentes, contextos diferentes, sociedades muito dispares, mas antecedentes históricos e sociais formam o conteúdo da dialética presente na construção social da realidade sócio religiosa e histórica brasileira.

Como é atual refletir sobre a pessoa e a obra deste reformador brasileiro, que inspira a presente geração evangélica a continuar sendo o lugar, onde homens e mulheres corajosos assumem a postura de envolvidos pelo amor de Deus, pregar a urgente salvação.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As mudanças em uma dada sociedade nunca ocorrerão isoladas dos seus matizes culturais. O que se viu neste breve artigo é que o Brasil esteve, desde o seu início, sedimentando parte das bases sociais portuguesas no Brasil. É um conjunto de valores e instrumentos – como a religião, a política, a economia escravagista, entre outras.

Quando, nos idos do século XVIII para o XIX, as ideias europeias de nacionalismo, liberalismo e do jansenismo começam a chegar ao Brasil, não afetará apenas a política, a economia, mas todos os elementos fundantes da sociedade brasileira, como, por exemplo, a religião.

O que começa com José Manoel da Conceição, é algo que já possui uma histórica ideia de reforma da Igreja Romana no Brasil. Antes de Conceição se tem um Feijó, anunciador do desejo de uma reforma brasileira, por um padre brasileiro.

Por fim, se percebeu que a realidade social é construída socialmente. Existem demandas socioculturais que exigem transformações ou mudanças com certa constância nas sociedades. No Brasil, não foi diferente – a entrada do protestantismo no Brasil foi uma demanda social que foi elaborada por vários atores e momentos históricos. Isso quer dizer que é uma história dos homens, apenas – esta é a história de Deus usando homens e mulheres para a transformação do mundo, que redunde em louvor glória ao seu nome.

*Soli Deo Gloria*

## REFERÊNCIAS

BERGER, Peter L. **O dossel sagrado**: elementos para uma teoria sociológica da Religião. Ed. 1ª. Trad. José Carlos Barcelos. São Paulo: Paulus, 1985.

CÉSAR, Elben M. Lenz. **História da Evangelização do Brasil**: dos jesuítas aos neopentecostais. Viçosa: Ultimato, 2000.

\_\_\_\_\_. **Mochila nas Costas e Diário na Mão**: a fascinante história de Ashbel Green Saimont. Viçosa: Ultimato, 2009.

CONCEIÇÃO, José Manoel. **Sentença de Excomunhão e Sua Resposta**. Rio de Janeiro: Typografia Perseverança, 1867.

FLEURY, Renato Sêneca. **O Padre Feijó**. 2 ed. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1967.

HAUCK, João Fagundes, et al. **História da Igreja no Brasil**: ensaio de interpretação a partir do povo: segunda época, século XIX. 4. Ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

IGRESIAS, Francisco. **Trajectoria política do Brasil**: 1500-1964. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

LÉONARD, Émile – G. **O Protestantismo Brasileiro**. Rio de Janeiro: Juerp; São Paulo: ASTE, 1981.

MARIZ, Vasco & PROVENÇAL, Lucien. **Os franceses na Guanabara**: Villegagnon e a França Antártica (1555-1567). 3 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

MATHIAS, Luiz Guilherme Kochem. **Uma leitura "tilichiana" da vida e dos escritos do pastor José Manoel da Conceição**. 2008. 179 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião). Universidade Federal de Juiz Fora, Juiz de Fora, 2008. P. 62.

MILTON, Aristides Augusto. **A Campanha de Canudos**. Brasília: Senado Federal – Conselho Editorial, 2003.

MEDONÇA, Antonio Gouvêa. **O Celeste Porvir**: a inserção do protestantismo no Brasil. 3ª ed. São Paulo: Edusp, 2008.

OLANDA, Sérgio Buarque de (Org.). **O Brasil Monárquico: o processo de emancipação**. 9 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. T II, v 3.

RIBEIRO, Boanerges. **O Padre Protestante**. 2. Ed. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1979.

SCHALKWIJK, Frans Leonard. **Igreja e Estado no Brasil holandês**: 1630-1654. 2 ed. São Paulo: Vida Nova, 1989.

SOUSA, Octávio Tarquínio de. **Diogo Antonio Feijó**: história dos fundadores do Brasil. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1988.

SOUZA, Silas Luiz de. **José Manoel da Conceição**: o padre-pastor e o início do protestantismo brasileiro. 1ª ed. Rio de Janeiro: Novos Diálogos, 2011. Coleção Perfis Protestantes.